

OFICINAS SOCIOAFETIVAS COMO ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO PSICOLÓGICO COM CRIANÇAS

TALLERES AFECTIVOS SOCIALES COMO ESTRATEGIA DE CRECIMIENTO PSICOLÓGICO CON NIÑOS

Jeysson Ricardo Fernandes da Cunha¹

RESUMO:

Este estudo objetiva refletir sobre a elaboração de oficinas socioafetivas de modo a contribuir no crescimento pessoal de crianças. Parte da perspectiva de que a criança é um agente ativo em seu processo de significação da realidade e que as oficinas socioafetivas possibilitam a (re)estruturação da personalidade considerando as relações entre os sujeitos como o ponto forte deste laço. Tal processo acontece mediado por uma atitude não-diretiva, isto é, baseado na crença de que todo o indivíduo possui capacidades únicas de resolver seus problemas de forma satisfatória, mas que o contato em grupo, pode gerar um impulso de crescimento ao promover o compartilhamento de ideias, autorias e reconhecimento de si mediante ao outro. Para tanto, o seguinte problema de pesquisa foi proposto: como as oficinas socioafetivas podem auxiliar na facilitação de crescimento psicológico com crianças? Como metodologia, adotou-se a noção de pesquisa bibliográfica a partir de produções científicas em diálogo com os pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa. Os dados produzidos e analisados demonstram que as oficinas socioafetivas potencializam o crescimento psicológico a partir de dois eixos: 1. Ênfase na experiência pessoal; 2. Significações interpessoais compartilhadas na compreensão de si. O crescimento pessoal por meio das oficinas socioafetivas é uma possibilidade terapêutica focando nas diversas maneiras da criança se expressar naquilo que seja importante, sem opinar, sugerir; é ser autêntico e ir em busca de traduzir os significados, ajudando-o a se autoatualizar, em uma perspectiva de crescimento orientada para a aceitação de si e dos outros na mesma proporcionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Centrada na Pessoa; Oficina Socioafetiva; Interdisciplinaridade.

RESUMEN:

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre el desarrollo de talleres socioafectivos para contribuir al crecimiento personal de los niños. Comienza desde la perspectiva de que el niño es un agente activo en su proceso de significado de la realidad y que los talleres socioafectivos permiten la (re) estructuración de la personalidad considerando las relaciones entre los sujetos como la fuerza de este vínculo. Tal proceso ocurre mediado por una actitud no directiva, es decir, basada en la creencia de que cada individuo tiene habilidades únicas para resolver sus problemas satisfactoriamente, pero ese contacto grupal puede generar un impulso de crecimiento al promover el intercambio. ideas, autoría y auto reconocimiento a través del otro. Con este fin, se ha propuesto el siguiente problema de investigación: ¿Cómo pueden los talleres socioafectivos ayudar a facilitar el crecimiento psicológico con los niños? Como metodología, adoptamos la noción de investigación bibliográfica de producciones científicas en diálogo con los supuestos del Enfoque Centrado en la Persona. Los datos producidos y analizados demuestran que los talleres socioafectivos mejoran el crecimiento psicológico desde dos ejes: 1. Énfasis en la experiencia personal; 2. Significados interpersonales compartidos en la autocomprensión. El crecimiento personal a través de talleres socioafectivos es una posibilidad terapéutica que se enfoca en las diversas formas del niño de expresarse en lo que es importante, sin dar su opinión, sugerir; Es ser autêntico y buscar traducir significados, ayudándote a autoactualizarte, en una perspectiva de crecimiento orientada a aceptarte a ti mismo y a los demás en la misma proporcionalidad.

DESCRIPTORES: Enfoque Centrado en la Persona; Taller Socioafectivo; Interdisciplinariedad.

¹ Doutorando e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e graduado em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Professor da Faculdade de Quatro Marcos. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0150914749552246>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

01 – INTRODUÇÃO

A Psicologia Humanista representa uma tentativa de estabelecer uma terceira força da Psicologia, ao lado da Psicanálise e do Behaviorismo (Comportamentalismo), cujo movimento estabeleceu um novo paradigma de compreensão da dialética do pensamento psicológico (FIEDLER, 2017).

Esta tentativa resultou em um novo enfoque em Psicologia, cujos pressupostos apontam para a valorização e respeito à liberdade, além de uma certa crença de que todo o organismo é um potencial em si para crescimento. Neste prisma, destaca-se a o reconhecimento da criatividade, imaginação, emoção e o próprio livre arbítrio como fundamentos essenciais humanos.

A natureza humana sob enfoque da Psicologia Humanista, anunciou que todo o organismo possui uma intrínseca necessidade básica que promovem a sua plena realização. Desta forma, certos comportamentos destrutivos ou agressivos, são frutos de manifestações severas de vivências frustradas, isto é, a não realização de atributos pessoais importantes que refletem nas situações de vida.

Segundo Fiedler (2017), a própria experiência do passado e os projetos de futuro, são atributos que interessam exclusivamente ao presente e são manifestados de forma ativa no cotidiano imediato. Tal pressuposto reafirma a ideia de que a Psicologia Humanista vislumbra o “aqui-e-agora” como uma condição primária da Psicoterapia, compreendendo que a plena realização do sujeito, suas capacidades e talentos pessoais emergem no hoje, o que denota a possibilidade de crescimento face-a-face com suas escolhas no presente.

No entanto, Abraham Maslow (1908-1970), é considerado o franco fundador desta terceira força em Psicologia, dedicando-se em estudos sobre o sentido de realização do ser humano, movida por uma escala de necessidades humanas que, se satisfeitas, promoveria ao sujeito a condição de “autorrealizado”. Tais necessidades são: fisiológicas; segurança; afiliação e pertencimento; estima e apreço; e autorrealização (FIEDLER, 2017).

Um outro grande teórico que merece destaque é Carl R. Rogers (1902-1987), responsável por edificar a Abordagem Centrada na Pessoa, cujos pressupostos norteiam este estudo.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Rogers (2009), anunciou que o crescimento pessoal advém de certas condições orientativas e facilitadoras. Destaca-se nesta perspectiva o conceito de relação. Para o autor, a relação entre pessoas significa um encontro entre personalidades orientadas ao crescimento. Desta forma, se o terapeuta tiver condições de ser genuíno nesta relação, mais frutífero e positivo será este momento. Isto significa que a consciência dos próprios sentimentos do terapeuta importa, pois desta maneira pode-se oferecer uma condição real ao passo que o cliente poderá procurar ser verdadeiro, isto é, congruente, com o terapeuta.

Uma segunda condição anunciada pelo autor é a aceitação positiva incondicional. Esta, por sua vez, significa uma certa aceitação afetuosa pelo cliente sem julgamentos de qualquer espécie, compreendendo o cliente como uma pessoa de valor independente de sua condição. Em outras palavras, representa uma aceitação a condição momentânea da pessoa, sejam elas positivas ou negativas, em que o cliente se sinta aceito com segurança de que será compreendido nesta relação de ajuda.

Esta compreensão, para ser significativa, carece de uma atitude sensível conjugada com o desejo contínuo de ajuda ao cliente. Para esta condição ser atendida, envolve o que Rogers (2009) denominou de empatia. Por empatia, entende-se a capacidade de se colocar no lugar da pessoa, visualizando a situação procurando enxergar “como o cliente enxerga”, sem que se perca a condição de “como se”. Assim, a capacidade de ajuda e de aceitação ganhará um impulso afim de explorar os conflitos ou incongruências vivenciadas pelo cliente, constituindo uma rica experiência de ajuda e de crescimento.

A noção de não-diretividade está implícita na Abordagem Centrada na Pessoa, oferecendo aos clientes condições de crescimento e uma oportunidade de expandir o conhecimento de si mesmo, seja para adultos ou para crianças.

Rogers e Kinget (1977, p. 39, grifo do autor), anunciaram que

o ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Nota-se, portanto, que a menos que os sujeitos tenham lesões ou conflitos estruturais que lhe impeçam de exercer estes potenciais, esta capacidade e esta tendência é inerente ao ser humano. Existir, isto é, ser pessoa, pressupõe que o organismo possua condições necessárias ao conhecimento auto-reflexivo.

No entanto, para que o exercício desta capacidade seja possível, é necessário um contexto de relações humanas positivas, isto é, “favoráveis à conservação e à valorização do “eu” (ROGERS; KINGET, 1977, p. 40). Em outras palavras, as relações interpessoais favoráveis e que possibilitem a valorização da pessoa em si, ou seja, sem ameaça ou desafios da ideia que o indivíduo faz de si mesmo.

02 – NOÇÕES-CHAVES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A partir do que foi exposto no tópico acima, torna-se possível avançar nos conceitos-chaves da Abordagem Centrada na Pessoa que advogam em prol da capacidade da pessoa em compreender-se de modo a obter as respostas necessárias para equilibrar sua saúde mental, a saber: tendência à atualização; noção do “eu”; noção de liberdade experiencial; a questão dos limites; e uma concepção do desenvolvimento humano.

Começando pela *tendência à atualização*, esta capacidade pode ser entendida como a mais fundamental do organismo do sujeito, pois, preside o exercício de todas as funções, isto é, físicas e experienciais. Considerando que o todo é maior que a soma das partes, a capacidade do organismo² em se atualizar “visa constantemente desenvolver as potencialidades da pessoa para assegurar sua conservação e seu enriquecimento” (ROGERS; KINGET, 1977, p. 41).

Neste prisma, a tendência atualizante objetiva alcançar aquilo que o indivíduo acreditar ser importante, enriquecedor e de valor na sua subjetividade, e se diferenciando de coisas e ações valorizadas apenas pelos outros. É, senão, uma capacidade de um reencontro consigo mesmo. Vale ressaltar que, para que a

² A noção de organismo para a ACP representa a junção entre o corporal e o psíquico, assumindo que existe um diálogo inerente entre ambas por meio da experiência dos indivíduos.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

tendência atualizante possa ser exercida, “um clima propício, desprovido de ameaças ao “eu” do indivíduo” (ROGERS; KINGET, 1977, p. 43) precisa ser ofertado.

A partir do exposto, em relação a *noção do eu* assume a mesma importância da tendência atualizadora, pois é “uma estrutura perceptual, isto é, um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo” (ROGERS; KINGET, 1977, p. 44). Desta forma, as características, atributos, qualidades e defeitos, limites e capacidades, que os sujeitos reconhecem como sendo descritivos de si próprio e alinhado a sua identidade, é um conjunto central da noção do “eu” que engloba de maneira holística e, até mesmo, serve de guia para tomada de decisões que envolvam o seu cotidiano. Tal pressuposto é reafirmado por Wood (1995), ao ter anunciado que o self (eu) que é percebido tem uma relação muito próxima e significativa com o comportamento.

Se o contexto do “eu” é um eixo importante para a organização da personalidade, a *noção de liberdade experiencial* dialoga com os componentes da essência do ser. Assim, a reorganização das auto-percepções traz, consigo, uma mudança de comportamento por meio da maneira do indivíduo em ser livre para “elaborar e reconhecer suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende” (ROGERS; KINGET, 1977, p. 46). Para tanto, a pessoa, ao fazer uso de sua liberdade para explorar seus sentimentos e emoções, não se sinta obrigado a distanciar-se daquilo que lhe é importante para satisfazer pessoas próximas que julgam ser importante. O sujeito é, então, psicologicamente livre quando não se sente obrigado a negar aquilo que experimenta para satisfazer outras pessoas.

No entanto, a noção de liberdade experiencial carece de melhores entendimentos, pois, não implica que tal noção seja sem limites. Na verdade, a Abordagem Centrada na Pessoa admite que,

a liberdade que aqui se trata, relaciona-se essencialmente à expressão mental e à expressão verbal dos dados da experiência - não necessariamente a expressão física, por meio de ações. Seria necessário dizer que esta última não pode ser tolerada senão na medida em que ela não é nociva, nem ao indivíduo, nem aos outros? (ROGERS; KINGET, 1977, p. 50).

O questionamento trazido pelos autores acima citados revela uma condição que inspiram a necessidade de problematizar as ideias de aceitação e aprovação em relação ao comportamento humano. Daí os limites que se enquadram a liberdade

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

experencial vão de encontro à uma ética em que a psicodinâmica do sujeito se orienta. Dito de outra forma, o indivíduo, ao se lançar a exprimir os sentimentos que carrega, ainda que hostis e antissociais, sua tensão emocional tende a diminuir; ao contrário, se sufocar seus sentimentos por medo da rejeição, desaprovação ou punição, acarretará um possível ato agressivo ainda maior. Por isso, *aceitar* e *aprovar* um sentimento é diferente, se coloca como limites da psicoterapia rogeriana. Aceitar um pensamento hostil é dar condições (sem ameaças ou punições, isto é, no encontro de sua imagem de si) de produzir reflexões para que o sujeito possa comunicá-lo, expressá-lo e repensá-lo de modo a se colocar como analista de si. Aprovar é autorizar aquele sentimento a empregar meios de justificar seus atos como legítimos, como se não tivesse controle sobre tais. E, por isso, a noção dos limites é importante para que se possa oferecer a pessoa condições de se expressar livremente e ser aceito por isso a fim de ressignificar seus sentimentos.

Por fim, mas não menos importante, *a concepção do desenvolvimento humano* é fundamental para alinhar a psicoterapia centrada na pessoa sob a ótica de uma teoria da personalidade.

Quando a tendência atualizante pode se exercer sob condições favoráveis, isto é, sem entraves psicológicos graves, o indivíduo se desenvolverá no sentido da maturidade. Sua percepção de si mesmo e de seu ambiente – e o comportamento que se articula de acordo com essas percepções – se modificação constantemente num sentido de uma diferenciação e de uma autonomia crescentes, típicas do progresso em direção à idade adulta (ROGERS; KINGET, 1977, p. 53)

Desta forma, fica evidente que, na medida em que a pessoa se desenvolve, seu nível de experiência também é ampliado. As necessidades internas e externas também se modificarão. Logo, a experiência fornece o ingrediente para o desenvolvimento e, quando a primeira, está em harmonia com a noção do “eu”, o organismo tende a funcionar em harmonia.

As noções aqui apresentadas remetem a necessidade dos sujeitos de encontrarem ambientes que valorizem a subjetividade e a livre expressão, de modo que a pessoa possa dialogar com o mesmo sem ameaças e/ou punições e, assim, ir em busca de compreender-se de maneira holística em seu processo de existência. A seguir, será debatido uma atividade terapêutica denominada oficina socioafetiva como estratégia de crescimento pessoal com crianças.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

03 – NÃO-DIRETIVIDADE, LUDOTERAPIA E OFICINAS SOCIOAFETIVAS

A noção de não-diretividade está implícita na Abordagem Centrada na Pessoa, oferecendo aos clientes condições de crescimento e uma oportunidade de expandir o conhecimento de si mesmo, seja para adultos ou para crianças.

No entanto, cabe esclarecer a noção de não-diretividade que, baseado nos primeiros trabalhos de Carl Rogers, nomeou o que hoje é reconhecido com Abordagem Centrada na Pessoa.

Ao falar em *não-diretividade*, Rogers e Kinget (1977, p. 35) anunciaram que o terapeuta não-diretivo está “empenhado no processo da terapia, mas evita cuidadosamente perturbar o seu desenvolvimento inerente, esforçando-se, ao mesmo tempo, por facilitá-lo”. Dito de outra forma, esta perspectiva inaugura uma maneira de não intervir de modo a assumir as rédeas da vida cotidiana do cliente utilizando, para isso, juízos de valor aplicados do terapeuta ao cliente.

Em relação à um método de psicoterapêutico com crianças, destaca-se a Ludoterapia Centrada na Pessoa (AXLINE, 1980). Este método utiliza-se dos pressupostos teóricos de Rogers (2009) articulado ao uso de jogos como estratégia de expressão de emoções, sentimentos e sofrimento psíquico. Neste contexto, o jogo assume uma posição importante de libertar na criança seus desejos mais ocultos ou sombrios, da mesma maneira que o adulto alivia emoções ao verbalizar. A criança pode, então, exercer a liberdade de brincar com o que quiser e da forma que desejar sem que alguém (nem mesmo o psicoterapeuta) cause constrangimento.

Segundo Axline (1980), a criança ao articular brincadeiras com determinados objetos, consegue ao mesmo tempo estabelecer esclarecimentos, encontros como também aprender a controlá-los, sendo possível até mesmo a própria conscientização de sua capacidade de realizar quando atingir uma certa estabilidade emocional forjada pelo ato de brincar.

É importante frisar que a relação psicoterapeuta e criança (cliente), é fundamental nesse processo de crescimento psicológico infantil, pois assume uma posição de fomentar a liberdade e a autoria infantil, revelando ou descobrindo seu verdadeiro eu.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Para tanto, a autora propõe oito princípios que promovem o crescimento pessoal da criança e que devem fazer parte do processo de Ludoterapia:

- O estabelecimento do “Rapport”;
- Aceitação completa da criança;
- Estabelecimento de um sentimento de permissividade;
- Reconhecimento e reflexão dos sentimentos;
- Manter o respeito pela criança;
- A indicação do caminho da terapia pela criança;
- A terapia não pode ser de maneira alguma apressada; e
- O valor dos limites

Desta forma, o princípio denominado o estabelecimento do “Rapport”. é fundamental para que os demais possam acontecer. Isso porque é o primeiro contato do terapeuta com a criança, cuja ansiedade frente ao desconhecido pode estar em ambos. A elaboração de um relacionamento com a criança depende exclusivamente do desenvolvimento de um clima amigável e acolhedor por parte do terapeuta, que seja convidativo e receptivo ao ponto de demonstrar à criança que aquele espaço é destinado a ela, sem imposições e coerções que talvez ela encontre na escola, em casa e em demais instituições. É, portanto, a quebra de paradigma que este princípio promove.

Dito de outra forma, a criança indicada à Ludoterapia pode, entre outras questões, ter dificuldades em fazer escolhas. Isto é, em assumir se quer ou não ir à sala de brinquedos, ou apenas sentar-se no chão, como também posicionar-se frente à sinais de amizade emitidos pelo terapeuta. Ao buscar o estabelecimento do rapport, o terapeuta visa desenvolver uma relação de confiança em um espaço totalmente estranho aos olhos da criança. É, sobretudo, um reconhecimento dos sentimentos iniciais e conflitantes que a criança pode expressar nesse primeiro contato, que é determinante para a construção de uma relação baseada em confiança, respeito, expressividade e autenticidade no decorrer do processo. A criança pode, então, exercer a liberdade de brincar com o que quiser e da forma que desejar sem que alguém (nem mesmo o psicoterapeuta) cause constrangimento.

O segundo princípio, *aceitação completa da criança*, parte do pressuposto que “a completa aceitação da criança é evidenciada pela atitude do terapeuta, que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

mantém um relacionamento calmo, firme e amigável com ela” (AXLINE, 1980, p. 98). Neste prisma, a criança é sensível o bastante para perceber quando não está sendo aceita ou mesmo quando o terapeuta imprime uma postura típica ou controladora que a impede, ainda que de maneira velada, expressar-se como genuinamente é. A criança que vem a psicoterapia não sabe por que está ali; tão pouco sabe o que é um psicólogo. Sentimentos de ansiedade, medo, vazio e nervosismo podem compor a situação momentânea da criança que, muitas vezes, busca ser aceita a todo custo no mundo fora da psicoterapia e acaba tendo que fazer isso dentro do setting terapêutico. A importância deste princípio é aceitar a criança da maneira como ela é ou está, de modo a compreender seus sentimentos e estar disponível para uma relação de ajuda.

O terceiro princípio, *estabelecendo um sentimento de permissividade*, significa dar condições à criança de ser e estar na psicoterapia de modo a expressar-se da maneira com que lhe seja mais autêntica. O desenrolar das escolhas da criança em meio ao tempo que ela dispõe deve ocupar a atenção do terapeuta de modo a “estar atento aos sentimentos que a criança expressa. Raramente uma criança vai para a sala de brinquedos e demonstra, de saída, seus sentimentos mais profundos, através dos brinquedos” (AXLINE, 1980, p. 106) e é importante que o terapeuta tenha a consciência de que o tempo da criança é necessário para conteúdos sejam expressos. Para isso, o grau de permissividade tem que ser alto e torna a psicoterapia bem-sucedida proporcionalmente à aceitação da criança.

Em relação ao quarto princípio, o *reconhecimento e reflexão dos sentimentos* apresenta uma capacidade do terapeuta em estar “alerta para reconhecer os sentimentos que a criança está exprimindo de maneira tal que possibilite, a ela, obter uma visão interior do seu comportamento (AXLINE, 1980, p. 108). Esta qualidade do terapeuta representa a ideia de escuta qualificada, pois produz a eficácia da psicoterapia ao se atentar as expressões tanto corporais, linguísticas e comportamentais.

O quinto princípio dialoga com o segundo, pois, o terapeuta deve, no mesmo prisma que aceita a criança genuinamente, também a respeita. Axline (1980) anunciou que a mudança de comportamento, isto é, de personalidade na criança advém de fatores positivos e o respeito atua de forma decisiva nesta direção. Com isso, a responsabilidade de fazer escolhas e buscar mudanças pertencem a criança e

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

somente ela tem o direito, capacidade e o poder de solucionar seus próprios problemas.

No entanto, para que a mudança de personalidade ocorra, a criança deve indicar o caminho. Este, inclusive é o sexto princípio. Segundo Axline (1980, p. 128), “o terapeuta adere definitivamente à orientação não-diretiva. Não faz perguntas indiscretas, exceto, talvez: quer falar nisso?” O terapeuta não direciona a criança para um lugar de reflexão; ele possibilita que a reflexão parta das escolhas do cliente e por meio de suas expressões. A criança, então, indica o caminho!

Seguindo a lógica de que a criança, em raros momentos, exerce sua autonomia de escolha, e isto a leva a um mundo agitado em que ela é conduzida, a psicoterapia não pode ser apressada. Tal perspectiva se enquadra no sétimo princípio, pois a terapia deve ser vista como um crescente tal como a personalidade. O tempo, neste caso, é relativo e deve seguir seu fluxo rumo ao aperfeiçoamento das capacidades de compreender-se.

Por mim, mas não menos importante, o oitavo princípio dialoga com o que Rogers e Kinget (1977) denominou de *a questão dos limites*. É necessário que a criança se situe dentro da realidade para que tenha a clareza de suas ações, sentimentos, emoções e atitudes. Desta forma,

o terapeuta estabelece apenas aqueles limites necessários para que se situe a terapia no mundo da realidade, e para que a criança tome consciência de sua responsabilidade no relacionamento (AXLINE, 1980. p. 137),

No entanto, qual seriam esses limites e porque eles são tão importantes para o desenvolvimento experiencial da criança? Os limites materiais são os mais coerentes, pois é necessário estabelecer uma harmonia para que não se quebre os objetos, agrida o terapeuta ou pratique algo que vá por a sua segurança em risco. Se a criança se sentir segura e respeitada, a terapia terá alcançado uma grande aliança interpessoal eficaz. Um outro limite é o tempo do encontro, que deve ser estipulado e assegurado o seu cumprimento. Tais exemplos demonstram para a criança que ela está segura naquele ambiente e que os limites estão postos para garantir o seu cuidado físico e mental.

A partir da explanação dos conceitos oriundos da Ludoterapia, pode-se notar que o atendimento de e para crianças devem ser articulados para que aquele

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

momento seja intensamente experiencial e libertador. De todos os princípios destacados, há uma coerência de que, a criança, compreenda-se na medida que vivencia situações a partir do brincar e consiga expressar seus sentimentos para um adulto que irá acolhê-lo, entendê-lo e, sobretudo, ajuda-lo a percorrer a estranha que leva a si mesmo. A não-diretividade é, senão, uma ética.

04 – OFICINAS SOCIOAFETIVAS COMO ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO PSICOLÓGICO

A Ludoterapia pode ser pensada tanto individual como também em grupo. Eis que emerge a possibilidade de atuação com grupos de crianças em oficinas socioafetivas (ANDRADE, 2015). Por Oficina Socioafetiva entende-se o destaque a ludicidade e a narrativa como estratégia de promoção de desenvolvimento interpessoal. Desta forma, oportuniza a um grupo de crianças condições de expressarem suas emoções através de desenhos, músicas, brincadeiras, expandido seus campos de percepção e de aprendizagem em meio aos outros, os quais potencializam o encorajamento de uma compreensão de si enquanto sujeito ativo, legitimando o pensamento abstrato e a tomada de consciência a partir da realização das oficinas.

A partir deste contexto, destacam-se três estudos que se empenharam, ao menos metodologicamente, em demonstrar como as oficinais socioafetivas podem facilitar o desenvolvimento humano e pessoal no campo da saúde mental.

O primeiro estudo em destaque surge sob título *Narrativa e novas formas de cuidado em saúde mental* (GONÇALVES et. al, 2016), cuja metodologia propôs que adolescentes participassem na construção de narrativas coletivas sobre o CAPSi de Cuiabá/MT. Atuando sob uma perspectiva humanista, na abordagem sócio-histórica, privilegiou a ludicidade e a autonomia dos sujeitos participantes, e as vivências singulares foram compartilhadas em uma proposta não-diretiva.

As oficinas socioafetivas proposta pelos autores consistiu em um trabalho do tipo etnográfico, em que num primeiro momento tiveram contato com os clientes do CAPSi e com o Projeto Terapêutico Individual (PTI) e, seguindo o cronograma da instituição, elaboraram oficinas socioafetivas semanalmente. A ênfase dada foi a livre

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

expressão e o reconhecimento de si a partir de uma identidade coletiva e individual. Os clientes de forma lúdica experienciaram nas oficinas formas de relacionamento empático e de aceitação positiva incondicional, além de exercitarem a autenticidade. Os resultados evidenciaram o exercício de autonomia e liberdade dos sujeitos.

Os estudos de Galetti (2004), corrobora para essa perspectiva, pois visualiza a oficina socioafetiva como instrumento de promoção de saúde mental e na inclusão social do sujeito a partir da autonomia e da livre expressão, Segundo Galetti (2004, p. 17) “na minha perspectiva, a oficina guarda, uma heterogeneidade constitutiva, em sua singularidade, é imprescindível para essas ações”. Assim, o modo de intervenção via oficina busca propagar o crescimento psicológico tecendo autorias e reconhecimento de si na livre expressão.

Cabe ressaltar que a autora acima destacada é enfática em dizer que as oficinas devem ser propostas de forma não-diretiva, isto é, sendo um espaço que, embora possa ser pensado e estruturado (círculos, instrumentos e materiais), seja um ambiente em que o cliente possa exercitar sua potência lúdica e criativa sem que haja intervenção de valores, crenças e atitudes do mediador.

O estudo de Cunha (2018) também defende uma proposta humanista na saúde mental ao propor uma roda de conversa com criança sobre suicídio. Alinhando-se a pressupostos rogerianos, propõe uma oficina em forma de roda de conversa para falar abertamente sobre o assunto do suicídio. A metodologia emprega um vocabulário adaptado às crianças e sensível o bastante para introduzir o assunto e permitir o acolhimento da demanda de preocupações que as crianças possam carregar. Os sentimentos, emoções e atitudes são trabalhos a medida que as crianças vão compartilhando seus conhecimentos sobre o assunto e também suas dúvidas. A expressão e a ludicidade são elementos-chaves que favorecem a emergência da significação da realidade pelas crianças e, sobretudo, constrói a aceitação de si e de outras pessoas que enfrentam conflitos psíquicos. Daí a humanidade é ressaltada e a vivência aceita de modo a compreender que dores internas são fruto das relações interpessoais

Destarte, a proposta de oficinas socioafetivas (ANDRADE, 2015) construídas a partir dos referenciais da Ludoterapia (AXLINE, 1980) e da Abordagem Centrada na Pessoa (ROGERS, 2009), demonstra uma rica oportunidade de oferecer

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

as crianças um meio fortalecimento psicológico e de aprendizagem, promovendo a visibilidade da autoria infantil e o reconhecimento da criança como um sujeito ativo e de direitos.

A Abordagem Centrada na Pessoa utilizando-se de oficinas socioafetivas em busca de fomentar o crescimento psicológico com crianças pode ser entendida como uma ética das relações humanas. Isto porque seus pressupostos afirmam o valor da experiência subjetiva sem elencar determinismos psicológicos que amarram a liberdade do sujeito à contextos específicos (ROGERS, 2009).

Nesta perspectiva, a não-diretividade das oficinas é um jeito de ser em que: respeita-se a singularidade, o momento, a percepção, as emoções, e todo o conteúdo significativo, entendendo a pessoa enquanto um processo em construção, inacabado, incompleto, que está em busca de mudanças de sua personalidade. Alia-se a isso as atitudes facilitadoras e suficientes para a mudança da personalidade, em especial, a aceitação positiva incondicional!

05 – MÉTODO

As escolhas teóricas e metodológicas optadas por este estudo privilegiam a análise compreensiva a partir de uma revisão da literatura/bibliográfica. Desta forma, a pesquisa bibliográfica, de acordo com Marconi e Lakatos (2011) trata-se do levantamento de certas bibliografias já publicadas em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. O objetivo a que se pretende é colocar o pesquisador em contato com fontes diretas já veiculadas afim de sistematizar discussões sobre um certo tema de pesquisa.

06 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das discussões tecidas nos tópicos acima, foi possível perceber que a articulação teórica dos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa e a noção de oficina socioafetiva constitui uma possibilidade terapêutica com crianças. Dois eixos podem ser evidenciados com o intuito de refletir como as oficinas socioafetivas podem contribuir para o crescimento pessoal das crianças: 1. Ênfase na

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

experiência pessoal; 2. Significações interpessoais compartilhadas na compreensão de si.

Considerando que a subjetividade é construída de acordo com a vivência, a ênfase na experiência pessoal das crianças é potencializada mediante as oficinas socioafetivas, pois, conforme Rogers e Kinget (1977), as interpretações profundas advém de explorações pessoais que, ao ser lançada via grupo, provoca a emergência do reconhecimento e valorização do eu. Nota-se, aqui, uma pulsão para o começo da mudança que, de acordo com a oficina socioafetiva, produz a capacidade de revelar-se enquanto pessoa, isto é, gostos pessoais, de compreensão dos sentimentos, relação com a alteridade, enfim, todo construto que a vivência pode oferecer e, assim, ser compartilhado.

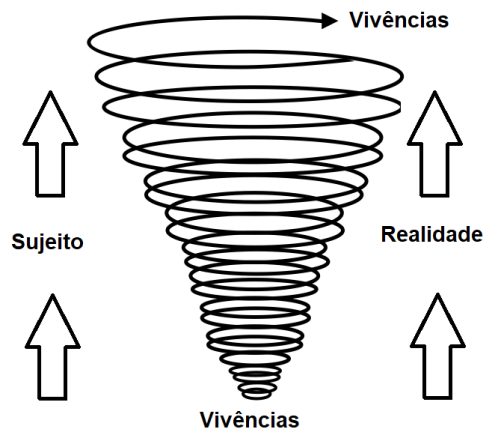
O segundo eixo, complementa o primeiro no sentido de possibilitar o sujeito, por meio de relações interpessoais no transcurso das oficinas socioafetivas, a aceitar-se em seus sentimentos reais. A hipótese central aqui dialoga com que Andrade (2015), chamou de capacidade do sujeito em expandir-se na relação com o outro, cujos campos de aprendizagem e de percepção são ampliados quando a pessoa compartilha com os demais seus próprios contextos de vida. A atitude não-diretiva compõe o entrelaçamento entre a expressividade e a potência criadora da criança, articulando seus saberes com seus pares na medida em que estabelece um relacionamento interpessoal. A alteridade, por exemplo, contribui para que a criança evidencie outras formas de ser e estar no mundo. Tal experiência favorece também a construção de novos saberes no sentido de que os significados trazidos pelo outro-diferente ajudam a pensar meus próprios significados.

Prosseguindo no intento de fomentar a ideia de oficina socioafetiva com crianças, é importante lembrar que a personalidade, conforme Axline (1980) anunciou, é uma crescente que rumo para a maturidade e, para tanto, é necessário um ambiente que ofereça condições favoráveis para a completa aceitação de si, tanto a criança quanto aos demais sujeitos que estão na relação interpessoal.

O crescimento, assim entendido, é um processo de mudança em espiral (AXLINE, 1980), cuja dinâmica se correlaciona na perspectiva e foco da criança em meio a atividade proposta. A personalidade se estrutura em meio ao tecer do viver. A ilustração 1 demonstra o modelo espiral da personalidade:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Figura 1 – Modelo espiral da personalidade



Fonte: dados da pesquisa

Desta forma, a oficina socioafetiva com crianças potencializa o aumento de vivências a partir da relação eu-outro, compreendendo que a personalidade está sempre em crescimento e que, na medida em que o sujeito encontra uma realidade capaz de permitir sua completa expressão, a criança passa a ter um impulso visando atingir maiores níveis de congruência e autenticidade. No modelo espiral, o enriquecimento produzido por um ambiente favoráveis e de aceitação, faz com que a realidade possa ser compreendida empaticamente, partindo da expansão das vivências até um maior grau de interação formando, assim, uma nova configuração.

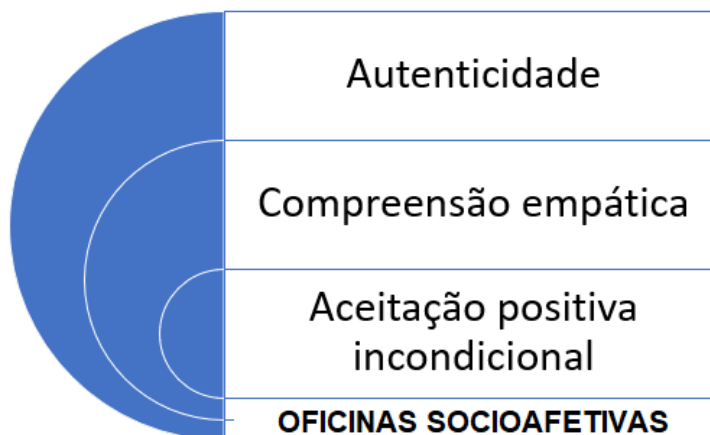
Assim, as vivências são postas em movimento e estão, também, sob mudanças constantes. Daí a oficina socioafetiva extrapola seus contextos, pois, ao deslocar o foco de atenção da criança do mundo externo para o interno, cria-se forças pessoais capazes de tornar a realidade mais consciente.

Esse diálogo é enriquecedor no tange a reorganização psicológica. A Abordagem Centrada na Pessoa acredita na mediação do crescimento psicológico a partir de uma visão de que o sujeito tem a capacidade inata de compreender a si mesmo e de resolver seus problemas de maneira satisfatória (ROGERS; KINGET, 1977). Assim, na oficina socioafetiva o indivíduo reage de modo a assumir a liberdade de atuar, ser e estar no mundo, sendo que este ambiente com condições favoráveis ao exercício de si mesmo, ou seja, o conceito de si e seu comportamento são estimulados ao equilíbrio, pois a criança não tem mais porque agir de forma contrária do que pensa. Relembrando Rogers (2009), quando o conceito e o comportamento se

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

equivalem, o desajustamento desaparece e aceitação positiva e incondicional de si, compreensão empática e a autenticidade são integrados a experiência da criança. A figura 2, abaixo, ilustra tal reflexão.

Figura 2 - Crescimento psicológico e oficina socioafetiva



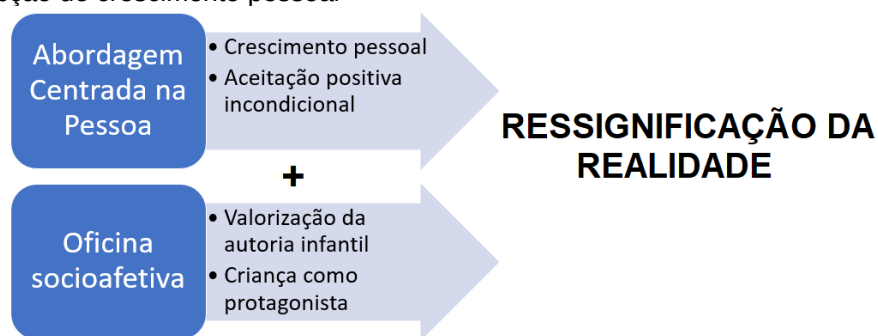
Fonte: dados da pesquisa

Ao criar um ambiente mediador e favorável ao desenvolvimento da personalidade da criança sob os pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa em correlação com o conceito de oficina socioafetiva (ANDRADE, 2015), a valorização da autoria infantil e de sua capacidade de imaginação e criação são ampliadas. A criança é, sobretudo, valorizada pelo seu potencial de reelaboração da realidade. Esse potencial é significativo para que a criança sinta, de várias maneiras, que seu jeito de ver o mundo é aceito positiva e incondicionalmente. A oficina socioafetiva é, sobretudo, a hora das crianças. É o momento segundo o qual é permitido as crianças explorarem suas criatividade, sentimentos e visões de mundo. Os significados são captados pelo mediador e compreendidos na perspectiva de liberdade. Isto, é claro, não significa em hipótese alguma que comportamentos desajustados das crianças sejam aprovados.

Há, conforme discutido anteriormente, uma grande diferença entre aprovar e aceitar o comportamento das crianças. O que se oportuniza as crianças por meio das oficinas socioafetivas é a condição de que elas não precisam reprimir sentimentos hostis ou comportamentos desajustados. Mas sim que elas possam partilhar seus modos de ver o mundo e se abrirem para ressignificar comportamentos agressivos e

outras questões que as restringem. Se o mediador da oficina aceita a criança como ela é sem a reprimir, a criança entende que seu comportamento é passível de mudança e não tensiona as relações interpessoais que está submetida, resultando na ressignificação da realidade. A figura 3 evidencia tais considerações.

Figura 3 - Concepção de crescimento pessoal



Fonte: dados da pesquisa

A fim de finalizar estas reflexões, pode-se salientar que a correlação entre a Abordagem Centrada na Pessoa e os pressupostos da Oficina Socioafetiva é promissor, pois, conforme Rogers (2009), a experiência subjetiva, quando compartilhada em grupo, produz a emergência de novas significações e valoriza o sujeito como agente de seu próprio processo de significação. A oficina socioafetiva (ANDRADE, 2015), demarca o lugar da criança como sujeito de direito e que, a oficina, por utilizar da ludicidade e a narrativa, oportuniza a um grupo de crianças condições de expressarem suas emoções e reelaborarem a realidade de modo a se compreender como pessoa.

07 – CONCLUSÕES

As aproximações teóricas tecidas neste trabalho de conclusão de curso puderam evidenciar o quanto pode ser enriquecedor a elaboração de oficinas socioafetivas com crianças de modo a contribuir para o crescimento psicológico e pessoal. Tornou-se possível a resposta ao problema de pesquisa: Como as oficinas socioafetivas podem auxiliar na facilitação de crescimento psicológico com crianças?

Em busca de resolver a esta questão-problema, buscou-se debater os pressupostos básicos da Abordagem Centrada na Pessoa a partir de princípios tais

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

como liberdade, responsabilidade, ética e subjetividade, compreendendo um sujeito em um movimento processual e direcionado ao crescimento. O potencial de cada sujeito e a importância do crescimento é motivação para todo o comportamento. Nesta visão, a dimensão holística do homem e não suas partes coloca o sujeito no centro do processo, compreendendo seu mundo a partir de suas constatações, isto é, naquilo que lhe é importante subjetivamente e não "realmente".

Assim, dois fatores neste percurso são fundamentais: 1) a imprevisibilidade das relações humanas; 2) ética.

Considerando os aspectos intrínsecos da relação terapêutica, tomo como ponto de partida que, a mesma, é uma relação humana. O que aí reside é o fato de que a relação terapêutica acontece mediante a uma escuta qualificada que oferece à pessoa um espaço de acolhimento e de compreensão. Um exemplo disso são as próprias atitudes facilitadoras: aceitação positiva incondicional; compreensão empática; e autenticidade. Por isso, a imprevisibilidade das relações impede imaginar como seria uma relação terapêutica na prática, pois, é nesse espaço que se torna possível descobrir como será. Para tanto, em busca de refletir a pergunta feita pelo tutor, não se pode perder de vista que esta relação é, sobretudo, uma relação humana entre pessoas com fins terapêuticos.

A partir disso, a ética, segundo fator meramente escolhido nesta posição para fins didáticos e que certamente está dentro do primeiro fator, nos permite compreender que assumindo uma escuta qualificada e não-diretiva, constitui a base do respeito à subjetividade e a vivência compartilhada pela criança sem tomar juízo de valor a partir de crenças anteriormente criadas. Isso é um compromisso ético que não pode se distanciar da relação terapêutica.

Na prática, tais pressupostos devem fluir na personalidade do psicoterapeuta, facilitando o processo de consciência e mudança da personalidade da criança a partir de atitudes éticas que valorizem a experiência subjetiva do cliente em seus contextos de vida.

Logo, o entrelaçamento entre a Ludoterapia e Oficina Socioafetiva oferece premissas sobre a indissociabilidade das práticas de oficinas presando pela liberdade e permissividade da criança durante as atividades. Os oito princípios da Ludoterapia são delineados e articulados com a ludicidade propostas pela noção de oficina

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

socioafetiva. Desta forma, a criança encontra um ambiente em que se pode recriar, (re)entender e também ser mutante. É uma condição que não se separa do fenômeno humano. E neste prisma, podemos pensar que a ACP potencializa a emergência da liberdade em um movimento autorreflexivo e autoatualizante. O ser humano exerce sua liberdade para assumir suas responsabilidades e se colocar no centro das questões. É dele, para ele e por ele. Aprofundando um pouco mais nesta perspectiva, temos que este movimento é revolucionário ao propor que a pessoalidade seja de fato a única maneira de produzir o crescimento. O ser humano é o mais importante, não o método. A liberdade deve ser, a todo momento, o prisma vital. E nada mais encorajador do que saber que sou aceito como sou, sem condicionalidades. Eis uma revolução intensa e necessária!

Por fim, o estudo demarca dois eixos cruciais neste diálogo: Ênfase na experiência pessoal; Significações interpessoais compartilhadas na compreensão de si. Isso porque, a não-diretividade, remete a uma postura de não intervencionista, isto é, não dar opiniões, sugestões, e sim constituir um relacionamento baseado em uma escuta ativa e qualificada, onde a experiência das crianças, seus significados, possam ser traduzidos a partir de um relacionamento Eu-Tu-Outros. A alteridade é positiva na medida em que as crianças tendem a aceitar-se incondicionalmente e também aceitar os outros em seus contextos de vida.

Nesta perspectiva, a não-diretividade das oficinas socioafetivas é uma postura ética em um relacionamento humano: respeita-se a singularidade, o momento, a percepção, as emoções, e todo o conteúdo significativo, entendendo a pessoa enquanto um processo em construção, inacabado, incompleto, que está em busca de mudanças de sua personalidade. Alia-se a isso as atitudes facilitadoras e suficientes para a mudança da personalidade, em especial, a aceitação positiva incondicional tendo como mote os relacionamentos interpessoais.

O crescimento pessoal por meio das oficinas socioafetivas é uma possibilidade terapêutica focando nas diversas maneiras da criança se expressar naquilo que seja importante, sem opinar, sugerir; é ser autêntico e ir em busca de traduzir os significados, ajudando-o a se autoatualizar, em uma perspectiva de crescimento orientada para a aceitação de si e dos outros na mesma proporcionalidade!

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

08 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. B. S. F. A infância como objeto de Representações e as crianças como sujeitos que elaboram novos sentidos sobre a realidade: sutilezas de um debate. In: CHAMON, E. M. Q. O; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F. (orgs). *Textos e debates em representações sociais*. Porto Alegre, ABRAPSO, 2014.

_____. *Rede de Apoio à Educação Infantil: interfaces com a Psicologia, Pedagogia, Arquitetura e Música*. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2015. (Formulário de cadastro de Projeto de Extensão)

AXLINE, V. M. *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. 2. ed. Tradução de Carl Rogers. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

CUNHA, J. R. Roda de Conversa com Crianças sobre Suicídio: Uma Proposta de Educação em Saúde Mental. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, n. 18, jul-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/431/581>>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

FIEDLER, A. J. C. B. P. *Teorias existenciais fenomenológicas: o movimento humanista em Psicologia e a Terapia Centrada na Pessoa – TCP*, de Carl R. Rogers. São Paulo: Edicon, 2017.

GALLETTI, M. C. *Oficina em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

GONÇALVES, N., DOS SANTOS, R., ARAGUSUKU, H., ANDRADE, D.. Narrativa e novas formas de cuidado em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 152-174, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69218/41566>>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. *Psicoterapia e Relações Humanas*. v. 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SARMENTO, M. J. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.) *Infância (In)Visível*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

WOOD, J. K. et al. *Abordagem Centrada na Pessoa*. 2. ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 02 Páginas 12-32
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	